

Projeto atrai interesse de outras entidades de classe

Sindicato dos Comerciantes de São Paulo prepara plano para apresentar a patronais

Antes mesmo de estar funcionando efetivamente, a Fundação Parceria para a Saúde está atraindo o interesse de outras entidades de classe que planejam seguir o modelo criado pelos metalúrgicos. "Acreditamos que o melhor caminho é mesmo procurar parcerias", afirma o presidente do Sindicato dos Comerciantes de São Paulo, Rubens Romano. "A experiência já nos mostrou que não podemos esperar pelo governo para ter um serviço de saúde digno e eficiente."

O sindicato da categoria dispõe, atualmente, de um complexo médico, odontológico e hospitalar que atende, diariamente, cerca de 11 mil pessoas. Mas entre os 350 mil comerciantes de São Paulo, apenas os 48 mil sócios do sindicato e seus dependentes têm direito ao atendimento. Em janeiro, gastamos R\$ 120 mil para manter o serviço e sabemos que daqui para frente será cada vez mais difícil continuar a oferecer essa assistência", diz Romano. É por isso que ele está se preparando para apresentar, nas próximas semanas, um projeto de parceria com os sindi-

catos patronais, que possa ser ampliado para todos os trabalhadores do setor.

"Nos últimos dias temos recebido telefonemas de representantes de sindicatos do País interessados em informações e orientações sobre a fundação", conta o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Paulo Pereira Silva. Apesar da receptividade dos colegas sindicalistas, ele receia os problemas que poderá enfrentar com as empresas privadas de assistência médica. "Elas oferecem planos mais caros e com muito menos benefícios; por isso acreditamos que muitas serão prejudicadas ou terão que se readaptar às novas regras do mercado."

De acordo com a assessoria de imprensa da Associação Brasileira de Medicina de Grupo (Abrange), que reúne 207 empresas do gênero, o cliente desses convênios pagam, em média, R\$ 11,42 mensais pelos serviços, mas o beneficiário enfrenta carências e exclusões para vários tipos de tratamento. "Esse valor, provavelmente, corresponde a programas apenas ambulatoriais ou com muitas restri-

HÁ EMPRESAS QUE EXIGEM CARÊNCIA DE ATÉ 1 ANO

ções", avalia o professor da Faculdade de Medicina da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), José Carlos Ramos de Oliveira, especializados em administração hospitalar.

Um levantamento feito pelo Sindicato dos Metalúrgicos mostrou que há empresas que exigem até um ano de carência para cirurgias e 30 dias para atendimento de emergência. "Não compreendo como a Abrange chegou a essa média, já que os planos mais baratos que tivemos conhecimento são de empresas pequenas, muito pouco conhecidas e custam pouco mais de R\$ 15."

ATENDIMENTO INTEGRAL

O que a Fundação Parceria para a Saúde pretende oferecer

- Prestação de serviços sem carência
- Atendimento aos pacientes com doenças infecto-contagiosas, inclusive Aids
- Assistência odontológica, psiquiátrica e psicológica
- Transporte aéreo de emergência
- Cirurgias e exames complexos, com transplantes e tomografias
- Assistência domiciliar para pacientes convalescentes ou crônicos
- Atenção à saúde por meio de programas preventivos
- Assessoria para empresas a fim melhorar as condições de saúde do trabalhador
- Expedição de boletins sobre o perfil de saúde e queixas de funcionários
- Gestão conjunta da fundação por empresários e trabalhadores

O médico Ronaldo Monteiro Costa, diretor de Mercado da Unimed do Brasil, uma cooperativa de serviços médicos, não acredita que a fundação possa oferecer um serviço tão completo de assistência médica por apenas R\$ 14 por pessoa. "Receio que a iniciativa desestabilize o mercado, oferecendo ao público uma idéia diferente do que ocorre de fato." Costa teme também que a entidade se torne apenas um sistema de mediação e barganha para conseguir atendimento de qualidade duvidosa.

Os organizadores do projeto garantem que não há esse risco. "Nossa prioridade será a qualidade do serviço e só conseguimos baixar os custos porque não investimos em propaganda e marketing nem temos o lucro como objetivo", argumenta Diógenes Martins. (G.L.)